



O ENSINO QUE PENSA COM O CINEMA UM APRENDER MÚLTIPLO: POTÊNCIAS DE UM CINECURRÍCULO

Keyme Gomes Lourenço¹

¹Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia
/ keymelourenco@gmail.com

Resumo:

Esse trabalho é um ensaio-reflexão sobre cinema e educação e seus caminhos possíveis. A inclusão de filmes em currículos escolares já é uma tendência da educação moderna. Porém, muitas problemáticas epistêmicas, didáticas e formativas circulam neste território. Aqui é proposto pensar o cinema e a educação junto à filosofia da diferença como um potente disparador no ensino, para assim inaugurar outros modos de ver o cinema na sala de aula e por consequência, outros modos de ver o próprio Ensino. Entre os textos e teorias são tecidas perguntas a fim de movimentar pensamentos em que lê, forçando multiplicidades e frestas em nossa formação como professores.

Palavras-chave: Cinema. Ensino. Filosofia.

Cinema e Educação: Uma conversa sobre o modo de ver

O Cinema há muito tempo é visto como elemento educativo e empregado cotidianamente nas aulas como um recurso didático, como uma estratégia educativa que agencia o reencontro dos estudantes com a cultura. Os filmes, criam sempre possibilidades para o trabalho na educação e em uma mesma obra de arte, habitam-se múltiplas conexões entre estéticas, lazes, prazeres, ideologias e valores sociais (NAPOLITANO, 2003).

A popularização dos meios de comunicação e a “democratização” da informação, provocam significativas mudanças nas Mídias, Cinema e no Audiovisual. Já no ambiente escolar, a utilização dessas tecnologias ainda apresentam-se com desafios, seja pela séria resistência encontrada por parte dos professores, como comenta Holleben (2007), ou por seu uso marginal e inadequado como afirma Debus (2011).

Provocar conversas entre cinema e ensino é um grande desafio para nós educadores e educadoras, porque, complexamente, elas carregam múltiplas percepções intertextuais-sonoras-imagéticas-históricas-sociais-visuais.

Neste trabalho, é discutido as aberturas possíveis de pensar o cinema e suas narrativas das palavras e imagens como recursos para a formação. O cinema participando da composição de práticas pedagógicas é capaz de propor (auto)reflexões acerca da educação, ensino, escolas

e as relações humanas e suas culturas. Quando obras cinematográficas são tomadas como referenciais pedagógicos, didáticos e também como potenciais disparadores, nos levam a questionar, e por conseguinte, dissolver as representações [que temos com/em nós] do espaço de ensino e de aprendizagem. O que poderia uma aula que encara os filmes, como fonte de conhecimento [dessas representações e de suas realidades outras possíveis]?

Os estudos da Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, mais as leituras sobre cinema e suas imagens de Deleuze (2007), nos ajuda a pensar que o cinema inaugura situações entre frames que contribuem para reflexões sobre às práticas pedagógicas na perspectiva do Ensino de Ciências e Formação de Professores de Ciências.

Frequentemente, o cinema tem povoado a educação como uma possibilidade didática reduzida à ilustração e à exibição de conteúdos. Devido isso, a compreensão da imagem-movimento ainda encontra-se submissa à leitura dos textos apresentados nas disciplinas escolares, e nessa perspectiva, o potencial dos filmes são pouco explorados.

No entanto, o cinema e a educação correspondem sobretudo, a processos culturais, os quais produzem [por e pelas as imagens do cinema] conexões que possibilitam a problematização de conceitos da/na educação, dentro e fora dos ambientes escolares. Há na literatura um arcabouço teórico considerável acerca das diversas formas possíveis de pensar o cinema, suas estruturas, como também as “línguas cinematográficas” e seus/os “significados” oriundos da relação sujeitos-espectadores-filmes-histórias.

O cinema quando apreendido como objeto plural, que percorre [(im)possíveis] dimensões cognitivas e, estéticas e, sociais e, políticas e psicológicas, que envolve as produções e as práticas culturais, torna-se (e por isso entendemos o cinema como arte, cultura e entretenimento) recurso potencial para ascender reflexões teóricas que atravessam, costuram, e desvendam conteúdos e disciplinas.

A quem cabe essas reflexões? O que pode um currículo cinematográfico? Em nossas leituras visualizamos a importância [de pensar o] do cinema em sociedades audiovisuais como a que vivemos. Na pós-modernidade, a linguagem audiovisual comporta-se expondo brechas, furos, e são estes que permitem vazamentos e circulações em diferentes campos sociais.

Nessa perspectiva, as imagens do cinema relacionam-se com o que somos: com nossas histórias. Qual a relevância das leituras de imagens dos filmes? Qual a relevância de desenvolver habilidades para analisar filmes? Qual a relevância de um currículo que se propõe pensar as imagens do cinema? Para além, o que pode um currículo de Ensino de Ciência que

inclui filmes como objetos de estudos?

Propomos nos parágrafos seguintes, mergulhar nessas e em mais outras perguntas, não na intenção de respondê-las, mas talvez, para expô-las, escrachá-las, destruí-las, refazê-las, (re)montá-las... Quão pitoresco?

Considerações Finais

Destacamos aqui, a importância de pensarmos os territórios das “pedagogias” na linguagem cinematográfica e o uso de filmes como instrumentos/recursos didáticos/pedagógicos; ao pensamento sobre estéticas, imagens e cenários; das discussões sobre o consumo de mídias audiovisuais por estudantes, ao imaginário midiático no cotidiano das crianças-professores-escolas; da “imagem em movimento” ocupando espaços nas diretrizes da educação nacional; às práticas pedagógicas escolares.

As conexões decorridas entre os parágrafos do presente trabalho, se apresentam como propostas que agem movimentando pensamentos, questionamentos, indagações e percepções outras sobre Cinema, Ensino e Educação. E que esse movimento possa ser estendido a caminhos que atravessam nossas vidas, profissões, estudos, grupos e as relações entre sujeitos. Com nós mesmos, com os outros, de nós com os outros.

A utilização de obras cinematográficas e audiovisuais, já é recorrentemente adicionada aos currículos escolares, nos cursos de graduação e pós graduação, perpassando áreas demonstrando seu caráter interdisciplinar (DEBUS, 2011).

Mas como são construídos, elaborados e desenvolvidos esses currículos dos quais o cinema é recorrentemente adicionado? Sob que perspectiva epistêmicas são tomadas as obras cinematográficas por esses currículos e pela comunidade escolar?

Conhecer mais sobre as teorias cinematográficas, dos filmes, entender suas composições históricas e a-históricas, suas referências, o que há de velado, de escondido e somar essas noções/ “percepções” às teorias [pedagógicas, multiculturais, fílmicas, filosóficas] nos dão uma direção ao que observar (LOURENÇO; ESTEVINHO; CUNHA-JUNIOR, 2020).

Buscamos olhar não somente para construção estética da cena e do roteiro, elenco, produção, mas na construção estética e cognitiva que ocorre em nós, em nosso pensamento.

Às vezes é preciso restaurar as partes perdidas, para assim encontrar tudo o que não se vê na imagem, tudo o que foi subtraído dela, para assim torná-la “interessante”. Porém às vezes, em contrapartida, é preciso fazer buracos, para introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela coisas que foram acrescentadas

e nos fazem crer que víamos tudo, ou o todo. É preciso dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro. (DELEUZE, 2007, p. 32).

Por que esses filmes permitem que nós terminemos as suas histórias? Ainda mais, por que essas histórias se completam, compõem-se e recompõem-se na nossa realidade, ultrapassando os limites entre real e ficção? O que não é dito nas obras de cinema e audiovisual e é dito nas escolas? O que não é dito nas escolas? Consideramos olhar o cinema como invenção de reais, e a partir desses (i)reais, do pensamento da Filosofia da Diferença, criar outros reais, onde há outros possíveis, outros mundos, outras ficções, formas outras de aprender e ensinar.

Estudar filosofia e cinema, formam professores de ciências e biologia muito mais sensíveis ao outro, pois essas áreas levam o docente, como comenta Deleuze (2007) a sempre andar a beira do questionamento, do real, da recriação, da reinterpretção, juntando forças para em potência criar novos territórios para os estudantes no processo de ensino-aprendizado.

A filosofia da diferença pensada junto ao cinema, sugere possibilidades a partir daquilo que experienciamos, nos coloca a pensar no lúdico, nos devires. Como nos filmes, devemos usar da realidade para reconstruir a própria realidade, para que possamos ser novos e outros em diferentes realidades, diferentes mundos. Entender a filosofia da diferença como provocadora e movimentadora de pensamentos, e usar desse movimento para mais uma vez (re)criar maneiras de se pensar o Ensino de Ciências.

Assim, com autonomia, provocados, questionadores, (re)criadores seremos e poderemos pensar com potência. Seja como humano-professor, humano-estudante, humanopolítico, humano-aprendizado, humano-humano. Apegar-nos em rotinas de sala de aula sem questionamentos, sem provocações, sem perceptos, tira-nos autonomia sobre o ensinar e o aprender (LOURENÇO; ESTEVINHO; CUNHA-JUNIOR, 2020).

Sempre devemos olhar além, ter em nós provocações e inquietações que nos movem para outro lugar, crescendo rumo ao cosmos. O cinema e a educação nos provocam seres novos todos os dias. Olhar através das frestas.

Referências

DEBUS, José Carlos dos Santos. **O cinema que pensa a pedagogia: autonomia e emancipação das práticas pedagógicas nos filmes o contador de histórias e entre os muros da escola**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. Brasiliense, 2007.

HOLLEBEN, Índia. **Cinema e educação: Diálogo possível**. Dissertação (Mestrado) – Ponta Grossa, 2007.

LOURENÇO, Keyme Gomes; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; CUNHA-JUNIOR, Ezequias Cardozo da; **O cinema de Kiarostami em devir biologia**. In: FALEIRO, Wender; VIVEIRO, Alessandra Aparecida; ASSIS, Maria Paulina de (org.). **Inovação & letramento científico: caminhos e descobertas no ensino de Ciências da Natureza**. Livro 7. Goiânia: KELPS, 2020. p. 137-159.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.